

MARCEL PROUST

Em Busca do Tempo Perdido

4 – *Um amor de Swann (parte I)*



Adaptação e desenhos:
Stéphane Heuet

Tradução:
André Telles


ZAHAR
Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro

Agradecimentos

La Société des Amis de Marcel Proust e sua secretária-geral, Mireille Naturel, Le Cercle Littéraire Proustien de Cabourg-Balbec e seu presidente, Jean-Paul Henriot, Nicole Dauxin e Séverine Courtaud, Sinichi Saiki, autor de *Paris dans le roman de Proust* (Éditions Sedes, 1996), Daniel Couty, Pierre Henriot, Gérard Prosper, Marine Charlin, David Moreau, François Lelièvre, Jean-Baptiste Heuet, Jean Poupon, Pierre Malvache, Stanislas Brezet, Florence Forestier e a Maison Hermès, Suzel Pietri, Sandrine Bosman e a agência Orbis-Média.

Título original:

À la recherche du temps perdu
(*Un amour de Swann – volume I*)

Tradução autorizada da primeira edição francesa,
publicada em 2006 por Guy Delcourt Productions, de Paris, França

Copyright © 2006, Guy Delcourt Productions– Heuet

Copyright da edição brasileira © 2007:

Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Concepção gráfica: Trait pour Trait
Capa e adaptação gráfica: Sérgio Campante
Impressão:

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

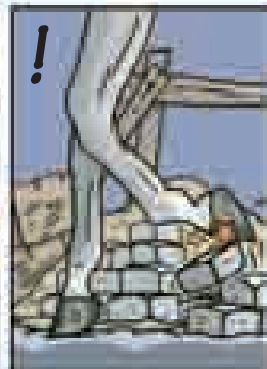
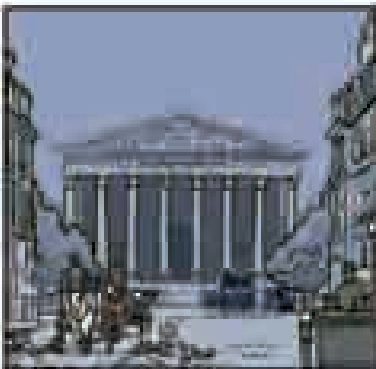
H522e Heuet, Stéphane, 1957-
v.4 Em busca do tempo perdido, t.4: um amor de Swann, pt.1 / Marcel Proust; adaptação
pt.1 e desenhos, Stéphane Heuet; tradução, André Telles. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,
2007.

il. color.;

Adaptação de: *À la recherche du temps perdu: un amour de Swann*, v.1 / Marcel Proust
Texto em quadrinhos
ISBN 978-85-7110-992-6

1. Romance francês – Histórias em quadrinhos. I. Proust, Marcel, 1871-1922. Em busca
do tempo perdido. II. Telles, André. III. Título. IV. Título: Um amor de Swann.

CDD: 741.5944
CDU: 741.5(44)



Éeeeia!



Ai!

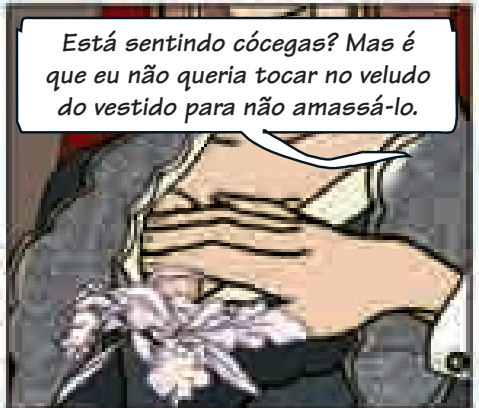
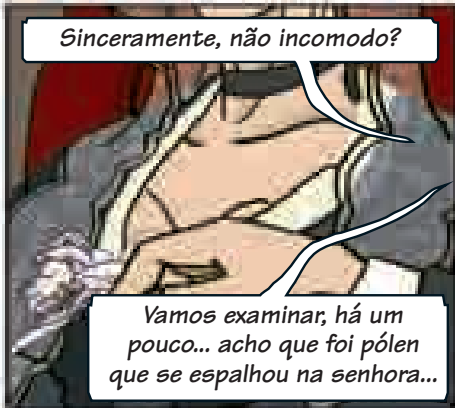


Não foi nada, não tenha medo.



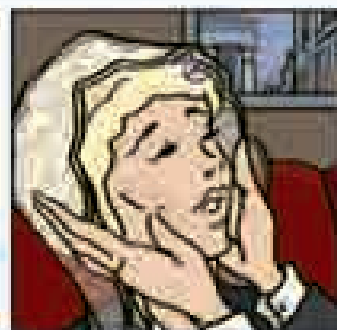
Sobretudo não fale nada,

responda-me apenas com sinais para não ficar ainda mais nervosa.



Em uma atitude que sabia adequada nesses momentos, ela parecia precisar de todas as suas forças para conter seu rosto, como se uma força invisível o atraísse para Swann.

E foi Swann que, antes que ela o deixasse cair, segurou-o por um instante, a certa distância, entre suas duas mãos. Quisera dar a seu pensamento tempo para chegar e reconhecer o sonho que há muito acariciara.



Talvez Swann atribuísse àquele rosto de Odette ainda não possuída, sequer beijada por ele, que ele via pela última vez, o olhar com que, no dia da partida, gostaríamos de carregar uma paisagem que vamos deixar para sempre.

EM BUSCA DO CONTEXTO

notas elaboradas pelo tradutor

“fishing for compliments”, p.5

Literalmente “pescar elogios”, ou seja, em português claro, Odette nesse caso afeta estar “se lixando para os elogios”.

“Que mistério será esse?...”, p.7

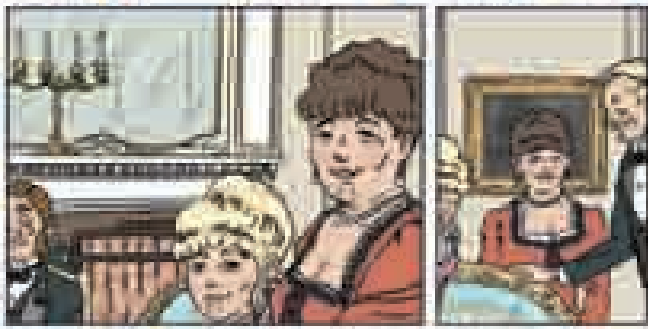
Os originais das árias cantadas pelo avô do narrador e as óperas às quais pertencem são, respectivamente: “Quel est donc ce mystère? Je n’y puis rien comprendre” (*La Dame blanche*, de Boieldieu); “Vision fugace” (*Hériodade*, de Massenet); “Dans ces affaires/ Le mieux est rien voir” (*Barba Azul*, de Offenbach).

a Nona, p.16

Trata-se, naturalmente, da Sinfonia n.9 de Beethoven (1770-1827), apresentada pela primeira vez em 7 de maio de 1824, no Kartnertortheater, em Viena. Foi a primeira sinfonia a incorporar vozes: seu finale pede um coro e quatro solistas, que entoam os versos da “Ode à alegria”, de Schiller (1759-1805).

Os mestres cantores de Nuremberg, p.16

Ópera de Richard Wagner (1813-83) cujo tema é um concurso de cantores da Renascença alemã. Sua abertura é considerada uma obra-prima, apresentando os quatro motivos que irão se desdobrar nos três atos que se seguem.



“Que lindo Beauvais!”, p.16

Poltrona ou sofá confeccionado pela manufatura de Beauvais, dirigida por Ourdry e Boucher no século XVIII.

“O urso e as uvas”, p.16

Segundo alguns comentadores, trata-se provavelmente da fábula “O urso e o amante dos jardins” (VIII, 10), de La Fontaine. Ou seria um equívoco da sra. Verdurin querendo dizer “A raposa e as uvas”?...

“funeral de Gambetta”, p.22

Léon Gambetta (1838-82), imigrante italiano naturalizado francês, foi deputado na Assembléia Nacional e chegou a ocupar o cargo de presidente do Conselho de Ministros. Seus funerais realizaram-se em 6 de janeiro de 1883; em 1920, seu coração foi trasladado para o Panthéon.

Os Danicheff, p.22

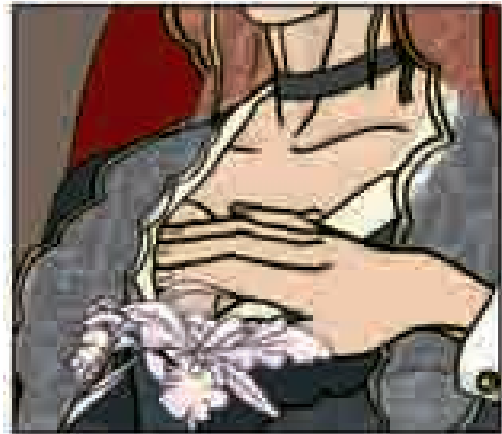
Drama em cinco atos de Alexandre Dumas, filho (1824-95), assinado sob o pseudônimo de Pierre Newsky.

o Eliseu, p.22

O Eliseu, ou Élysée, situado no Faubourg Saint-Honoré, VIII arrondissement de Paris, é, desde a II República (1848-52), a sede da Presidência francesa e residência oficial do presidente da República.

o sr. Grévy, p.22

Jules Grévy (1807-91) foi presidente da França entre 1879 e 1887, o que permite situar com certa precisão o desenrolar dos acontecimentos do romance.



catlêia, p.26

Gênero (*Cattleya*) de plantas epífitas da família das orquídeas, cresce nos troncos e ramos principais de grandes árvores, sendo nativa das regiões tropicais. Não é um parasita, como habitualmente se diz; usa as árvores nas quais se implanta como simples suporte para obter ar e luz. Com flores belíssimas, simples de cultivar e propensas à hibridação, as catlêias são muito comuns nas estufas de todo o mundo. A referência à catlêia, por parte de Proust, foi um acréscimo ao texto já datilografado.